



***REFLETINDO***  
***SOBRE O***  
***BULLYING***

*Denise de Medeiros Frias*

*Cláudia Hernandez Barreiros Sonco*

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CAP/A

F897 Frias, Denise de Medeiros

Refletindo sobre o bullying / Denise de Medeiros Frias, Cláudia Hernandez Barreiros Sonco. - 2022.  
35 p. : il.

Produto educacional elaborado no Mestrado Profissional do  
PPGEB/CAP/UERJ.  
Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-65-88405-61-1 (ebook).

1. Assédio nas escolas. 2. Violência na escola. 3. Percepção social. I.  
Sonco, Cláudia Hernandez Barreiros. II.Título.

CDU 37.06

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Centro de Educação e Humanidades  
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira  
Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica

**Denise de Medeiros Frias**

## **Refletindo sobre o *bullying***

Produto educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ensino - Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**Banca Examinadora:**

---

**Profa. Dra. (Orientadora) Cláudia Hernandez  
Barreiros Sonco.**

**Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Instituto  
de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira -  
Departamento de Ensino Fundamental**

---

**Profa. Dra. Pâmela Suélli da Motta Esteves**  
**Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Centro de  
Educação e Humanidades - Faculdade de Formação  
de Professores de São Gonçalo**

---

**Profa. Dra. Ana Ivenicki**  
**Universidade Federal do Rio de Janeiro - Faculdade  
de Educação**

# PREFÁCIO

Este material foi elaborado a partir dos relatos verídicos de estudantes/ex-estudantes da Educação Básica de épocas e contextos diferentes sobre as manifestações do *bullying* no ambiente escolar. O objetivo é trazer reflexões acerca do enfrentamento ao *bullying*, além de buscar o debate sobre o tema em questão. Não pretendemos, portanto, apresentar um manual ou guia de orientações para lidar com o conflito, mesmo porque os episódios que envolvem este tipo específico de violência são datados, contextualizados, situacionais e as atuações para a conscientização deverão estar de acordo com as demandas de cada instituição de ensino.

Para dar suporte ao vídeo que reproduz as situações referentes ao *bullying* vivenciadas pelos(as) estudantes/ex-estudantes protagonistas de nossa pesquisa, construímos este *ebook*. As reflexões que levantamos no *ebook* dialogam com as narrativas de memórias dos sujeitos participantes desta pesquisa e estão amparadas nos fundamentos de uma educação intercultural/multicultural. Almeja-se, com isso, despertar naqueles(as) que vivem os cotidianos das escolas o interesse pelo tema e fazê-los pensar/repensar sobre os mecanismos de prevenção e enfrentamento ao *bullying* escolar.

É nosso desejo que este material motive as pessoas a dedicar um olhar atento a cada caso, respeitando cada subjetividade para que, de fato, o *bullying* seja enfrentado. Com base nas narrativas de estudantes/ex-estudantes da Educação Básica, construímos algumas reflexões a respeito das manifestações do *bullying* no cotidiano escolar que dialogam com pensamentos de renomados(as) teóricos(as) do meio educacional.

A partir de nossos estudos sobre o *bullying*, acreditamos que a elaboração deste produto educacional possa dar abertura ao levantamento de novas questões sobre o tema.

# SUMÁRIO

<b><i>Bullying</i> (conceituação) .....</b>	<b>06</b>
<b>Diferenciando o <i>bullying</i> de outros tipos de violência .....</b>	<b>07</b>
<b>Relato 1: Relato do alvo de <i>bullying</i> físico e verbal .....</b>	<b>12</b>
<b>Para refletir: Qual é a importância do diálogo no enfrentamento ao <i>bullying</i>? .....</b>	<b>15</b>
<b>Relato 2: Relato de quem já praticou <i>bullying</i> escolar .....</b>	<b>16</b>
<b>Para refletir: Praticantes de <i>bullying</i> também necessitam de ajuda? .....</b>	<b>18</b>
<b>Relato 3: Relato de jovem que via e sofria <i>bullying</i> na escola .....</b>	<b>20</b>
<b>Para refletir: Qual é o momento "certo" para agir contra o <i>bullying</i>? .....</b>	<b>22</b>
<b>Relato 4: Relato de uma ex-estudante que sofria <i>bullying</i> social .....</b>	<b>24</b>
<b>Para refletir: Por que valorizar diferentes culturas e linguagens é importante no enfrentamento ao <i>bullying</i> .....</b>	<b>26</b>
<b>Relato 5: Relato do alvo de <i>bullying</i> virtual (ou <i>cyberbullying</i>) .....</b>	<b>28</b>
<b>Para refletir: Como lidar com o <i>bullying</i> virtual? .....</b>	<b>31</b>
<b>Finalizando: Quantas palavras cabem no <i>bullying</i>? .....</b>	<b>33</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>34</b>

## **Bullying (conceituação)**

O *bullying* ou intimidação sistemática consiste em ações violentas que ocorrem repetidas vezes entre pares, ou seja, entre colegas de escola, de curso etc. Não é considerado *bullying*, por exemplo, o ato violento resultante de uma briga pontual ou de um desentendimento. A violência constante que configura o *bullying* manifesta-se com atitudes ou palavras, podendo causar prejuízos à saúde física e mental de quem está sendo alvo das perseguições. A prática do *bullying* acontece de forma intencional, geralmente, numa relação desigual de poder entre praticantes e alvos. Tal prática revela sentimentos de intolerância e desrespeito às diferenças.

## Diferenciando o *bullying* de outros tipos de violência

Primeiramente, deve-se lembrar que **o *bullying* não pode ser interpretado como brincadeira** própria do processo de amadurecimento de crianças e adolescentes. Do mesmo modo, é essencial **saber diferenciar o *bullying* de outros tipos de violência** (não menos importantes) presentes no cotidiano das escolas.

O pesquisador Dan Olweus (1978, 1993) estabeleceu critérios para diferenciar o *bullying* das brincadeiras típicas de crianças e das outras formas de violência . Entre os critérios, destacam-se:

- Ações repetitivas contra o mesmo alvo num período prolongado de tempo;
- Desequilíbrio de poder dificultando a defesa do alvo;
- Ausência de motivos aparentes que justifiquem os ataques;
- Atos de violência ocorridos entre pares.

Vale ressaltar que cada violência tem seu alvo e sua motivação, suas origens diferem e, para enfrentá-las, é necessário que essas questões sejam levadas em consideração.

**IMPORTANTE:**

Não cabe generalizar todas as brincadeiras e violências que ocorrem no ambiente escolar como *bullying*.



O *bullying* é uma conduta tão antiga quanto a própria instituição escolar. Ocorre que, por um longo tempo, este tipo de comportamento foi considerado, em sociedade, como simples brincadeira infantil.

É necessário que o *bullying* não seja naturalizado, que não se torne uma prática banalizada. Para isso, é preciso reconhecer que, se não há divertimento, não há brincadeira. Quando a prática envolve ofensa, agressividade e humilhação, por exemplo, configura-se como ato de violência.

No entanto, diferentes violências ocorrem no cotidiano das escolas. Aqui, destacaremos, entre tantas, o assédio moral e o racismo como violências que não podem nem devem ser assumidas pelo *bullying* escolar.

## BULLYING $\neq$ ASSÉDIO MORAL

Todo tipo de *bullying* é uma agressão, mas nem toda agressão é classificada como *bullying*. Para que seja *bullying*, a agressão precisa acontecer entre pares (colegas de escola ou de curso, por exemplo). Nessa lógica, conflitos na relação professor-aluno ou gestor-aluno configuram-se como assédio, não podendo ser considerados *bullying*. O assédio moral é conceituado como toda e qualquer conduta abusiva, manifestando-se por comportamentos, palavras, atos, gestos ou escritos que possam trazer danos à personalidade, à dignidade ou à integridade física e psíquica de uma pessoa. Devido à relação hierárquica estabelecida nas instituições de ensino, existe o formato vertical do assédio. Sobre este formato, Gallindo (2009) explica que um dos tipos é o assédio descendente, ou seja, quando o(a) assediador(a) costuma ser o(a) professor(a) e a vítima o(a) estudante. No assédio moral vertical descendente, são comuns as discriminações e as críticas por parte dos(as) professores(as) ou dos(as) demais profissionais da escola em relação a estudantes.

# BULLYING $\neq$ RACISMO

A generalização dessas categorias acaba funcionando como instrumento silenciador de manifestações racistas no ambiente escolar. Diferente do *bullying*, o racismo diz respeito à estrutura social de dominação, não acontece somente entre pares e está previsto na Lei nº 7.716/1989, alterada pela Lei Federal 9.459/97, como crime contra a coletividade. Para Nilma Gomes (2005), um diferenciador do racismo é o fato de este ser um comportamento que resulta da aversão a pessoas que possuem um pertencimento racial observável através da cor da pele, do tipo de cabelo etc. Portanto, quando as ofensas ou agressões praticadas estão relacionadas aos aspectos fenotípicos que caracterizam uma pessoa, não se trata de *bullying*, e sim de racismo.

## Relato 1: Relato do alvo de *bullying* físico e verbal

“Uma colega, já cansada de me ver sofrendo *bullying*, falou para a mãe dela o que estava acontecendo comigo. A mãe desta colega foi na escola e conversou com a diretora.”



No relato 1, algumas questões vieram à tona, como o papel desempenhado pelas famílias para enfrentar o *bullying*, a importância do diálogo e a postura adotada pelos espectadores. No caso observado, o cansaço e sofrimento causados pelo *bullying* não eram apenas do alvo, e sim de uma espectadora que desempenhou o papel de “defensora”.

Quando o(a) espectador(a) entra em ação, buscando de alguma maneira interromper a agressão, percebe-se quão significativo esse gesto se torna para o alvo. O caminho escolhido pela espectadora em questão foi o de comunicar à família sobre o que estava acontecendo com seu amigo. Lopes Neto (2011, p.88) diz que os(as) estudantes precisam saber que “uma das primeiras coisas a fazer quando surgem problemas

de *bullying* é buscar a ajuda de um adulto em quem confiam e envolvê-lo no processo rapidamente”.

A atitude da espectadora não foi a mesma do amigo que sofria *bullying*, pois, normalmente, o alvo hesita em envolver os adultos, talvez, por medo de receber críticas ou vergonha das intervenções piorarem a situação. No que diz respeito às ocorrências de *bullying* no cotidiano das escolas, o envolvimento familiar mostra-se essencial para o debate, elaboração e execução das ações *antibullying*.

## Para refletir:

### Qual é a importância do diálogo no enfrentamento ao *bullying*?

A partir do diálogo, a educação pode ser transformadora, ocorrendo pela reflexão crítica dos(as) educandos(as) e educadores(as) e fundamentando-se na prática de suas experiências e de suas interações com o meio social. Ao dialogar, os(as) estudantes são capazes de transformar a si mesmos(as), construindo e reconstruindo sua identidade. Neste sentido, o diálogo permite que os sujeitos aprendam e cresçam na diferença.

**O diálogo autêntico - reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro - é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. (Paulo Freire, 1987)**

## Relato 2: Relato de quem já praticou *bullying* escolar

“Só chamaram minha mãe e a fizeram assinar uma ocorrência. O problema não foi resolvido, pioraram as situações, porque meus problemas eram extraescolares e descontava tudo na escola.”





Com o relato 2, conseguimos perceber que a agressividade do ambiente familiar pode ser refletida na escola. Para Cardia (1997), “famílias onde há violência entre seus membros têm alta probabilidade de estarem socializando os filhos para a violência” (p. 40).

Se as crianças convivem com pessoas agressivas no seu dia a dia, acabam reproduzindo essa agressividade no espaço escolar. Fante (2015) explica que o comportamento agressivo da criança pode ser intensificado ou reduzido de acordo com o seu ambiente familiar.

Lopes Neto (2011) fala que muitos(as) estudantes sentem receio de que as intervenções dos(as) responsáveis agravem a situação. De acordo com o relato, a ida da mãe ao espaço escolar fazia com que a relação da menina com os(as) colegas piorasse. A estudante em questão passava por problemas em casa, pois presenciava agressões entre seus pais.

## Para refletir:

### Praticantes de *bullying* também necessitam de ajuda?

No contexto escolar, é preciso considerar que o(a) praticante do *bullying* trata-se de uma criança ou adolescente e, portanto, está em fase de desenvolvimento, num processo de formação social. A postura adotada pelo(a) praticante, de certa forma, camufla sua fragilidade. No fundo, sente-se inseguro(a) e desenvolve este comportamento com a intenção de sobressair no grupo de colegas, ficando em evidência e ganhando popularidade.

Para que os(as) praticantes de *bullying* mudem seu comportamento, é essencial que a escola desenvolva um trabalho de conscientização, a fim de que os(as) estudantes reconheçam que tal prática pode causar graves consequências a todas as partes envolvidas.

Recomenda-se que as escolas não ajam com o objetivo de castigar o(a) praticante do *bullying*, e sim de maneira a fazê-lo(a) pensar/repensar sobre seus atos, dando-lhe responsabilidade e criando oportunidades para possíveis mudanças em seu comportamento. Neste sentido, a escola precisa caminhar para possibilitar o desenvolvimento de atitudes empáticas entre alunos e alunas, tentando compreender suas angústias e oferecendo apoio adequado.

**A motivação que leva uma pessoa a praticar *bullying* pode ser decorrente de uma infinidade de problemas pessoais, que precisam ser identificados e sanados. (Lopes Neto, 2011)**

**Relato 3:**  
**Relato de jovem que via e sofria**  
**bullying na escola**

*“Só eram tomadas atitudes quando se agravava uma briga.”*



Esse relato traz a seguinte reflexão: a escola é capaz de tolerar meses (e até anos) de *bullying*, porém, não consegue aceitar uma briga entre estudantes. Estamos nos referindo ao fato de que a escola, muitas vezes, toma medidas de enfrentamento ao *bullying*, somente quando ocorrem brigas. Ou seja, enquanto o *bullying* acontece de forma discreta, sem ter como consequência agressão física, nenhuma estratégia é executada. Isso nos faz pensar que a briga entre estudantes pode ser gerada por um motivo pontual ou não. No caso de ser gerada por motivos recorrentes, é possível que a briga aconteça a partir do momento em que o alvo do *bullying* passe a reagir, revidando a violência física praticada por seus pares.

## Para refletir:

### Qual é o momento "certo" para agir contra o *bullying*?

Enquanto a omissão por parte dos(as) educadores(as) prevalecer no ambiente escolar, os atos repetidos de violência continuarão e o problema parecerá não ter fim. A formação de alunos e alunas precisa estar voltada a auxiliá-los(as) na resolução de conflitos.

Cabe à escola a tarefa de construir com os(as) estudantes o senso de responsabilidade e a tarefa de desenvolver atitudes empáticas com os(as) mesmos(as), sendo proativa no que se refere aos problemas de discriminação, preconceito e violência. É importante se atentar para o fato de que “o *bullying* é uma violência que cresce com a cumplicidade de alguns, com a tolerância de outros e com a omissão de muitos” (CHALITA, 2008, p. 109). Diante disso, o desconhecimento

e, até mesmo, a negação dessa prática dentro das escolas só irão contribuir para a reprodução e o crescimento do mesmo na sociedade.

**Os instrumentos para intervir e prevenir as consequências mais dramáticas do *bullying* são: estimular o diálogo, propiciar a escuta e a empatia, construir relações e contextos afetivamente significativos, desenvolver a reflexão crítica, estimular a participação, responsabilizar-se por si mesmo e pelos outros. (Alessandro Costantini, 2004)**

**Relato 4:**  
**Relato de uma ex-estudante que**  
**sofia sofria *bullying* social**

“Era um *bullying* com deboches, devido à cultura e linguagem.”





A partir desse relato, nota-se que, além de ensinar crianças/jovens a se respeitarem, é importante pensar o currículo escolar em uma abordagem crítica do multiculturalismo. Ao saber que estudantes eram alvos de *bullying* devido à sua cultura e linguagem, considerando-se feio, engraçado ou errado o jeito pelo qual se expressavam, percebemos que o que estava em jogo não era a língua, mas a pessoa que falava aquela língua e a região geográfica de onde a pessoa vinha (BAGNO, 1999). Evidencia-se, dessa forma, que as regiões, além de políticas, são produtoras de sentidos num esquema de representação cultural, ou seja, se o local não é reconhecido em sua pluralidade e em sua riqueza, e o consideram atrasado, pobre ou subdesenvolvido, as pessoas que lá nascem também são assim classificadas.

## Para refletir:

### Por que valorizar diferentes culturas e linguagens é importante no enfrentamento ao *bullying*?

Apesar de os saberes serem produzidos por diversos grupos culturais, alguns são mais legitimados que outros, assumindo um protagonismo na sociedade. Dessa forma, é fundamental que as instituições de ensino estejam abertas à pluralidade cultural.

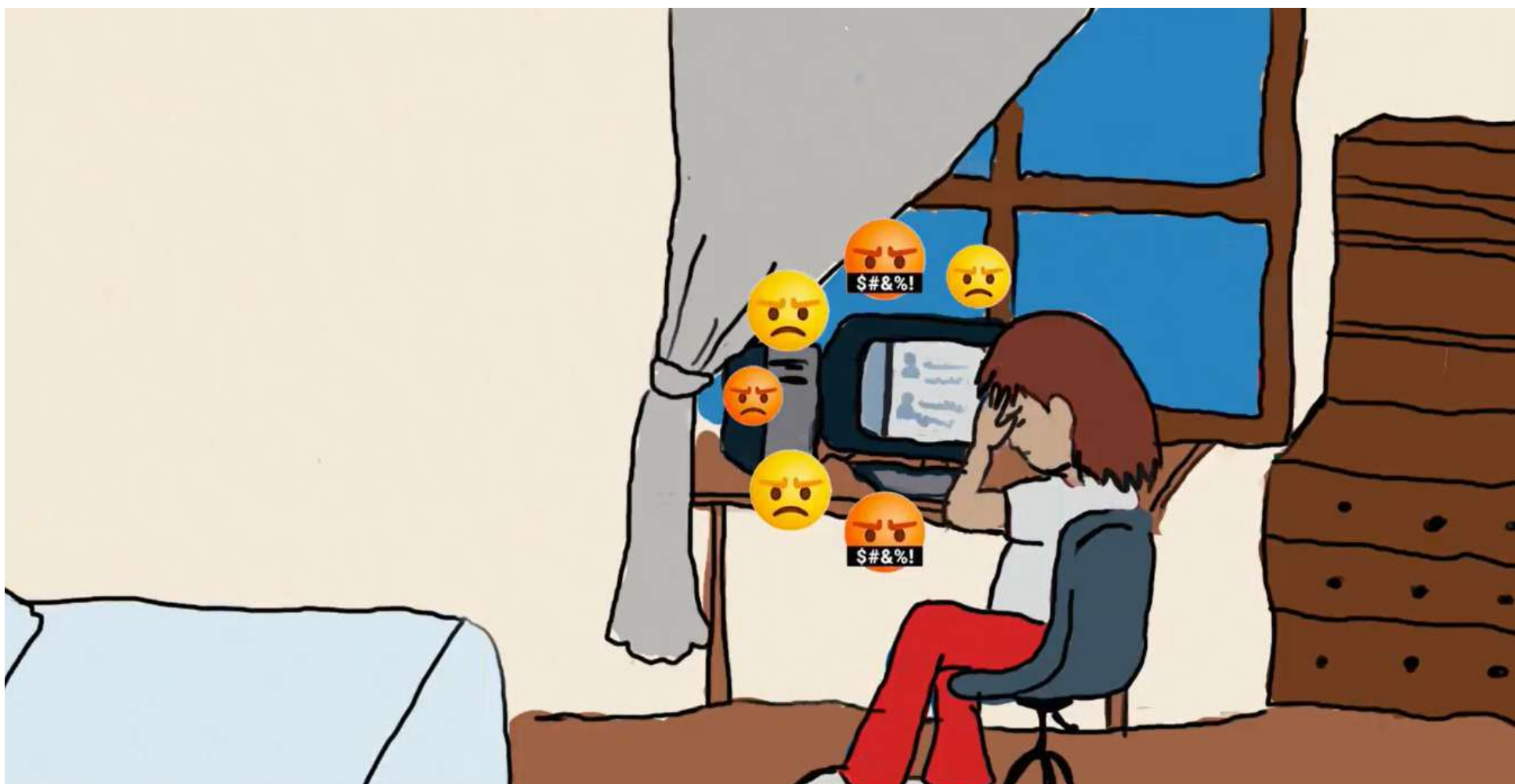
Através da prática pedagógica, os grupos hegemônicos e os grupos subalternizados podem manifestar e confrontar suas culturas. O currículo escolar necessita de uma orientação multicultural e intercultural. Pensando nisso, o multiculturalismo e o interculturalismo apresentam-se como caminhos favoráveis a uma dinâmica educacional crítica, que possibilita a interação entre diferentes grupos sociais.

Sendo assim, averiguamos a necessidade de pensar na escola, sob uma ótica inter/multicultural, como ferramenta de educação capaz de contestar o desenvolvimento do *bullying* e de outras violências em seu cotidiano.

**As diferenças devem ser reconhecidas e valorizadas positivamente, ao mesmo tempo em que combatidas as tendências a transformá-las em desigualdades, assim como a tornar os sujeitos a elas referidos objeto de preconceito e discriminação. (Vera Candau, 2011)**

**Relato 5:**  
**Relato do alvo de *bullying* virtual**  
**(ou *cyberbullying*)**

“As pessoas continuam praticando todos os dias, ainda mais no ensino a distância.”



O relato 5 levanta questões importantes a serem abordadas, dentre elas os avanços tecnológicos na área da informação e da comunicação que possibilitam as práticas de *bullying* virtual (ou *cyberbullying*). Nesse, tipo de *bullying*, o(a) praticante utiliza aparelhos de comunicação para disseminar maldades, constrangendo, ridicularizando e atacando seus alvos. A sensação de anonimato serve como estímulo ao praticante do *cyberbullying*, pois desta maneira fica mais difícil para o alvo se proteger dos seus ataques digitais e conseguir denunciá-los.

O poder de agressão do(a) praticante do *cyberbullying* aumenta pelo fato de não ser, facilmente, identificado(a). Além disso, ele(a) se satisfaz ao elaborar seus atos de agressão, imaginando que os conteúdos divulgados serão rapidamente reproduzidos e compartilhados.

Fante e Pedra (2008) citam a falta de ética na utilização de recursos tecnológicos, a ausência de limites, a insensibilidade e a insensatez como prováveis causas dessas agressões anônimas.

No *cyberbullying*, os efeitos causados pelas tecnologias podem ser mais devastadores, pois os alvos sofrem ataques permanentes, perdendo o sossego mesmo quando estão em casa ou longe da escola.

## Para refletir: Como lidar com o *bullying* virtual?

Com o aumento do número de crianças e adolescentes usando a internet e, conseqüentemente, as redes sociais, o *cyberbullying* ganhou destaque na sociedade.

Assim como nos casos de *bullying* tradicional, é comum que a família e a escola reajam ao *cyberbullying* com punições aos praticantes. No entanto, seria interessante que as medidas tomadas diante das agressões fossem mais proativas do que punitivas.

É essencial que a escola e as famílias façam alusão ao uso responsável das tecnologias entre crianças/jovens. Devemos conscientizar os(as) estudantes, reforçando que por trás de uma tela há uma pessoa que possui sentimentos e

que a agressão virtual é uma forma de desrespeito ao próximo.

O trabalho de conscientização escolar precisa ser compartilhado com as famílias dos(as) estudantes. Desse modo, o *bullying*, em suas diferentes tipologias, não pode ser compreendido como um problema individual, e sim como uma questão que requer respostas coletivas.

**O efeito das novas formas de violência que as tecnologias permitem pode ser bem mais devastador do que o *bullying* exercido pelos meios tradicionais.  
(Cléo Fante, 2015)**



## Finalizando:

# Quantas palavras cabem no *bullying*?

De alguma maneira, todos(as) os(as) estudantes estão envolvidos(as) com o *bullying* no cotidiano de suas escolas. Muitos(as) estão entre os que observam os atos de *bullying*, outros(as) estão na posição de alvo ou de praticante das agressões.

Além de afetar os(as) estudantes, o *bullying* atinge também as famílias dos(as) jovens/crianças e os(as) profissionais que atuam nas escolas. Portanto, ao pensar no *bullying*, uma grande extensão de palavras nos vêm à mente. Neste exercício contínuo de encontrar palavras que caibam no *bullying*, citamos "intimidação", "conflito", "desrespeito", "medo", "covardia", "discriminação", "maldade", entre outras.



## Referências bibliográficas

BAGNO. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 1999. v. 1.

BRASIL. **Lei Federal 7.716/89, alterada pela Lei Federal 9.459/97.**

BRASIL. **Lei n.º 13.185, de 06 de novembro de 2015.** Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 09 nov. 2015. 46 Seção 1, p. 1.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. **CURRÍCULO SEM FRONTEIRAS**, v. 11, p. 240-255, 2011.

CARDIA, N. A violência urbana e a escola. In: **Contemporaneidade e Educação**, ano II, n. 2, Rio de Janeiro: IEC, 1997.

FANTE, C. & PEDRA, J. A. **Bullying Escolar: perguntas e respostas.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

FANTE, C. (Org.) ; PRUDENTE, N. M. (Org.) ; DA ROSA, A. M. (Org.) ; VENTURA, A. (Org.) ; CAMARGO, C. G. (Org.) ; ROLIM, M. (Org.) . **Bullying em Debate.** 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GALLINDO, Lidia Pereira. Assédio moral nas instituições de ensino. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 14, n. 2070, 2 mar. 2009. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/12396>. Acesso em: 8 fev. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Ricardo Henriques. (Org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03.** 1ª ed. Brasília: SECAD/MEC, 2005, v., p. 39-62.

LOPES NETO, A. A.. **Bullying: saber identificar e como prevenir.** São Paulo: Brasiliense, 2011.

OLWEUS, D. **Aggression in the schools: bullies and whipping boys.** Washington, D.C.: Hemisphere (Wiley), 1978.

OLWEUS, DAN. **Bullying at school: what we know and what we can do.** Malden, MA: Blackwell Publishers Ltd., 1993

# PPGEB

Programa de Pós-Graduação  
de Ensino em Educação Básica  
CAp-UERJ

